

PONDÉ INSTIGA O IMPONDERÁVEL?

RESUMO:

Luiz Felipe de Cerqueira e Silva Pondé, filósofo, escritor, ensaísta, e colunista crítico conforme ele mesmo se intitula, esteve em Curitiba para o lançamento nacional de mais um livro: A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo. Em sua ousadia contundente, aponta aspectos do cotidiano que beiram a mediocridade e da dificuldade em sobreviver no mundo contemporâneo, que para tanto de alguma forma temos necessidade em desprez-lo. Inicia comentando que a questão do jornalismo opinativo tem por fundamento ser polêmico, como parece ser toda a sua obra.

AUTOR:

Sonia Ana Charchut Leszczynski - Professora Associada e Chefe do Departamento de Educação da Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR.

O livro contém aforismos de temas pontuais e a base é a partir de Nietzsche. O medo de cada um de nós de ter um sentimento de abandono cósmico, de que não existe nada para cuidar de cada um de nós. A verdadeira sabedoria passa, em algum momento, pelo desprezo do mundo a sua volta.

A “era do ressentimento” tem como característica, entre outros fatores, excessivo e narcisista individualismo presente na sociedade ocidental contemporânea. O conceito nietzschiano de ressentimento, no qual o autor se baseou, é uma crítica ao cristianismo e à expectativa humana de que o Universo ame a todos. Ele aponta que essa geração será lembrada como a era do ressentimento, pelo fato de sermos um “bando” de cristãos desesperados sem fé. Não há uma intenção explícita de atacar nenhuma religião, no entanto, o conceito de ressentimento parece que não recebeu a devida atenção como categoria de crítica de comportamento contemporâneo.

Algumas ideias a partir de um psiquiatra inglês, Theodore Darren Paul, a nossa sociedade é que transformou os direitos em bens tangíveis, onde todos têm direito a tudo e levando a um risco social. Tudo o que o ser humano recebe é porque deve receber levando o indivíduo a um sentimento de ingratidão. Pondé comenta sua fama de uma visão de mundo muito trágica, a vida é uma batalha interminável em que se consegue tirar água de pedra.

O subtítulo do livro, Uma agenda para o contemporâneo, que a partir do conceito



BIBLIOTECA
BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO

10 ANOS



UNB



de ressentimento é feito um diagnóstico do cotidiano, e principalmente sobre o comportamento humano contemporâneo. Comenta que observa elementos fora da filosofia, tais como as entrevistas de mulheres em revistas femininas, que servem de base para a sua filosofia e por consequência poderão ser hipóteses para a filosofia do futuro, ou seja, como a nossa geração atual será vista no futuro.

Vivemos em uma Era de Mimados porque estamos querendo nos libertar do trabalho. Uma vida fincada em um projeto insustentável – ricos como os americanos e com todos os direitos dos suecos. Os direitos dos seres humanos são tão caros como o capitalismo.

O risco da sociedade atual é que ela produz riqueza e não uma riqueza material, mas uma riqueza que é um acúmulo de ferramentas que eleva as garantias da vida. Processo que a sociedade comercial leva a uma vida se tornando menos laboriosa e, portanto mais complexa que leva a certas distorções. Citando Adam Smith que afirmou que não existe “almoço de graça”.

Comenta como se apresenta o ressentimento nos dias atuais. A sensação de que todos tem direitos em alta escala para tudo e quando o sentimento de abandono se instala leva o cidadão a se ver injustiçado por ter sido abandonado e revoltado, pois todos tem direito a serem amados. Apresenta uma discussão sobre o narcisismo, pois todos tem uma “invasão social do eu”.

Ao conviver em sociedade nos deparamos com pessoas melhores que a gente, que levam a uma sensação de humilhação contínua. Narcisista é aquela pessoa que tem problemas em conviver consigo mesmas. Aponta para certo medo

em conviver com pessoas que parecem bem resolvidas, pois ter uma autoestima em alta o tempo todo é quase impossível, podendo redundar em sujeitos alienados ou sem uma visão concreta da realidade.

As pessoas são diferentes e, portanto tem competências diferentes e em graus de capacidades diferenciadas. O ressentimento leva o indivíduo a sentir medo e nos debilita. Por este motivo é que na vida real a gente toma remédio mesmo. A negação do ressentimento leva a cegueira espiritual, não no sentido teológico, mas como limitante das nossas próprias capacidades. O sujeito que conseguir superar o ressentimento, ou souber lidar com ele, pode se tornar um ser menos desesperançoso.

Uma discussão trágica da vida, mas que merece levar a tentativas de superação. O ressentimento torna os indivíduos com um menor grau de ingratidão. Virtudes como generosidade, misericórdia, não sobrevivem ao ressentimento.

A Sociedade de Direitos torna todo mundo ingrato e em que medida uma agenda contemporânea pode nos levar a identificar problemas de ressentimentos e em que medida pode nos tornar mais capazes a fazer diagnósticos de como alcançar para um mundo melhor. Na verdade contra um tipo de mundo melhor.

O autor comenta que não consegue pensar em algo bom do ressentimento além de ser a tomada de consciência dele. A lógica do ressentimento é a manifestação humana diante do abandono.

Este é um livro que, em princípio, pode parecer razoavelmente fácil de ser digerido, no entanto, muito instigante e que vai requerer várias releituras e pode render infinitas horas

para discussão e reflexão do mundo em que vivemos. Sob uma ótica Nietzscheana, com passagem por Horkheimer e uma influência de Theodore Darren Paul mencionados pelo autor.

